

ARARA-CANINDÉ (*ARA ARARAUNA*) NO SUL DE RORAIMA: A REINVENÇÃO DA CONVIVÊNCIA ENTRE O HOMEM E A FAUNA SILVESTRE NA COMUNIDADE ‘RIO DIAS’

*Polyanni Dallara Dantas Oliveira*¹

*Rafael Teixeira de Sousa*²

*Yunã Lurie Araújo Passos*³

RESUMO

A Arara-canindé/*Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) é uma espécie presente nas densas florestas tropicais do extremo norte do Brasil, podendo ser encontrada com facilidade no estado de Roraima, apesar do avanço do desmatamento e queimadas impulsionadas por interesses econômicos. Embora a exploração ambiental ilegal tenha aumentado na região nos últimos anos, é possível notar os efeitos da convivência entre os moradores da zona rural de Caracará (RR) e as aves silvestres, indicando que o processo de povoamento nessas áreas proporciona o encontro inevitável entre o modo de viver da população e o modo de ser desses animais. De forma que este abalo, ora gera uma compreensão mútua e uma aproximação, ora promove o desequilíbrio e a violação da fauna. Nesse contexto, este estudo visa analisar a experiência de coexistência entre as espécies na área de estudo, buscando sensibilizar a comunidade para a importância da conservação dos habitats e ecossistemas. Os procedimentos metodológicos adotados envolvem observações diretas, entrevistas e análise documental realizadas durante expedições na localidade Rio Dias pertencente a Caracará, e em Boa Vista, ambas situadas em Roraima. A coleta de dados registrou os comportamentos das araras e a percepção da comunidade sobre a fauna local, sendo complementada por entrevistas e registros fotográficos. Os resultados destacam a urgência de repensar a relação entre humanos e natureza, enfatizando a necessidade de preservar a rica biodiversidade da região amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Avifauna. Roraima. Biodiversidade.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).

E-mail: polyanni.dallara@ifrr.edu.br.

² Doutor em Nutrição e Produção Animal pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Zootecnia na área de Produção Animal pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com Período Sanduíche no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal e Pastagens da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Zootecnia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).

E-mail: rafael.sousa@ifrr.edu.br.

³ Especialista em Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENTI). Licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).

E-mail: yuna.passos@ifrr.edu.br.

MACAW (*ARA ARARAUNA*) IN THE SOUTH OF RORAIMA: THE REINVENTION OF COEXISTENCE BETWEEN MAN AND WILD FAUNA IN THE 'RIO DIAS' COMMUNITY

ABSTRACT

The Macaw/*Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) is a species present in the dense tropical forests of the extreme north of Brazil, and can be easily found in the state of Roraima, despite the advance of deforestation and fires driven by economic interests. Although illegal environmental exploitation has increased in the region in recent years, it is possible to notice the effects of the coexistence between residents of the rural area of Caracarái (RR) and wild birds, indicating that the population process in these areas provides the inevitable encounter between the of living of the population and the way of being of these animals. So this shock sometimes generates mutual understanding and rapprochement, and sometimes promotes imbalance and violation of the fauna. In this context, this study aims to analyze the experience of coexistence between species in the study area, seeking to raise awareness among the community about the importance of conserving habitats and ecosystems. The methodological procedures adopted involve direct observations, interviews and documentary analysis carried out during expeditions in the Rio Dias location belonging to Caracarái, and in Boa Vista, both located in Roraima. Data collection recorded the behaviors of the macaws and the community's perception of the local fauna, being complemented by interviews and photographic records. The results highlight the urgency of rethinking the relationship between humans and nature, emphasizing the need to preserve the rich biodiversity of the Amazon region.

KEYWORDS: Avifauna. Roraima. Biodiversity.

1. INTRODUÇÃO

O estado de Roraima, totalmente inserido no bioma Amazônia, abriga uma fauna e flora diversificadas, residindo em seus habitats animais silvestres raros e em perigo de extinção. Além do tráfico de animais, é possível notar que as atividades de origem antrópica têm afetado os ecossistemas. Segundo dados do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD), divulgados pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente (Imazon), Roraima foi o quarto estado que mais desmatou a Amazônia no primeiro trimestre do ano: “A derrubada passou de 13 km² em março de 2022 para 28 km² em 2023, uma alta de 115%” (Imazon, 2023, p. 1). Tais fatores contribuem para o desequilíbrio das espécies, principalmente das aves, que são sensíveis ao ambiente em que vivem. De modo que, mesmo o desmatamento fragmentado pode ocasionar o desaparecimento de algumas espécies, pois a mata contínua é fundamental para a manutenção de um ecossistema normal (Cohn-Haft, 2020).

Em vista disso, as investigações deste trabalho, a partir das expedições feitas em Caracarái e Boa Vista, trazem à luz a experiência de coexistência entre a população e a Arara-canindé/*Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) na comunidade do Rio Dias, localizada na Vicinal 1, Projeto de Assentamento (PA) Rio Dias, Caracarái – (RR). Para tanto, os pesquisadores estabeleceram um diálogo com os moradores da região, à medida que realizavam a revisão de literatura sobre o tema, com vistas a compreender a

origem e as ramificações dessa relação dual que atravessa as espécies, e buscaram identificar caminhos possíveis para a conservação da avifauna roraimense por meio de uma imersão profunda em sua realidade originária.

Fala-se de uma Amazônia, a partir de sua própria morada, nos relatos e nas experiências cotidianas junto aos ribeirinhos, considerando os contextos urbanos da capital e rural das vicinias do sul do Estado. Os trânsitos, os encontros e os desafios da convivência entre a natureza e o ser humano são nitidamente percebidos, mas a adoção de atitudes e estabelecimento do pensamento crítico por parte das pessoas faz-se urgente diante das condições ambientais da atualidade.

O pertencimento à natureza permite a compreensão do movimento espontâneo da realidade natural, que envolve um tempo, um local e uma linguagem própria. Sem o pertencimento a aproximação é superficial. Uma relação equilibrada entre indivíduo e mundo exige a tomada de responsabilidade para com as próximas gerações, mais a busca por modos de coexistência possíveis.

Agradecemos imensamente a toda equipe do Bosque dos Papagaios de Boa Vista (RR), a família do Rio Dias que recebeu e acolheu os pesquisadores com suas extraordinárias histórias das quais muito serviram de aprendizado, também a Alexandra Alves da Silva e Aparecida da Costa Oliveira, fundamentais para que este trabalho fosse realizado.

2. TRÁFICO MUNDIAL DE ANIMAIS SILVESTRES

Por mais distante que pareça da realidade das pessoas, por nunca terem visto ou até pela falta de conhecimento e informação, o tráfico de animais silvestres é um dos responsáveis pela extinção das mais variadas espécies no Brasil. De maneira que, a família Psittacidae (psitacídeos), da qual fazem parte os papagaios, periquitos e araras, integram o grupo de mais expressivos números na lista de espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, segundo o "Relatório Nacional sobre o Comércio Ilegal da Fauna Silvestre", realizado pela Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais (Renctas) (Sick, 1997). Para além disso, a caça predatória voltada ao tráfico e a subsistência, bem como o desmatamento, contribuem para o extermínio de ecossistemas e o desarranjo dos habitats naturais (Redford, 1992; Rocha, 1995).

Desde o Brasil-Colônia, o rapto de animais em solo nacional é realizado para fins comerciais, vide a carta de Pero Vaz de Caminha, em que o escrivão relata ao Rei D. Manuel o que havia encontrado na chamada "Ilha de Vera Cruz", em 1500. É possível notar com o relato que, os

psitacídeos foram alvos de primeira importância junto a *Crotalus durissus*/Cascavel (Linnaeus, 1758) (Pereira, 2002):

Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes (...) Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse. (Amado, 2001, p. 103).

Dando um salto no tempo, em 2011, o cineasta brasileiro Lucas Saldanha, com a animação “Rio”, exibida em 72 países (Gazeta do Povo, 2011), revelou uma narrativa que teve como pano de fundo a máfia dos traficantes de animais originários de países estrangeiros. A cena inicial do filme já aponta o tom do problema, quando o alegre e espontâneo alvorecer da bicharada na floresta da Mata Atlântica, no Rio de Janeiro, é interrompido pelo barulho aterrorizante das gaiolas utilizadas pelos caçadores na captura dos animais, dentre eles: um filhote de *Anodorhynchus hyacinthinus*/arara-azul (Latham, 1790) e a *Ara chloropterus*/arara-vermelha (Gray, 1859).

Independentemente de qualquer opinião que possa surgir sobre a Carta de Caminha no século XV, ou ao enredo da animação cinematográfica brasileira, há uma experiência que acompanha o encontro entre humanos e demais seres vivos pertencentes ao planeta Terra: ela põe em jogo a harmonia e o conflito. O princípio vital da modernidade era permitir aos descendentes do *homo sapiens* a total superação da ignorância intelectual, dos costumes e crenças das autoridades de épocas medievais. Inclusive, a tentativa de desvinculação das narrativas e perspectivas sagradas/místicas do âmbito do conhecimento, da organização social e da política. Logo, as artes, as ciências objetivas, as instituições sociais, a moralidade e a lei, numa perspectiva universal, seriam desenvolvidas a partir do uso da razão sob critérios rigorosos na investigação, observação da realidade natural, social, da clareza conceitual e experimental. Assim, o êxito no progresso científico poderia ser empreendido e, concomitantemente alcançado o “[...] controle das forças da natureza, como também a compreensão do ser e do mundo, o progresso moral, a justiça nas instituições sociais e até mesmo a felicidade humana” (Habermas, 2017, p. 13).

O que poderia dar errado nesse intento? O simples fato de que a serventia da racionalidade atende, continuamente, aos interesses humanos. O espírito da modernidade, à proporção que avança na instrumentalização e domínio da realidade para melhorar a vida, põe-se a trair essa possibilidade, quando estabelece as finalidades às quais os meios irão servir. A expedição de Cabral é um exemplo didático para ilustrar essa breve relação de conceitos filosóficos, uma vez que a dominação desmedida dos recursos naturais, dos biomas, das faunas, floras, da própria natureza como um todo, gera uma

data de validade para a existência humana e planetária. Não se contesta os benefícios que a razão trouxe para a humanidade. Ora, já no século XVII, os trabalhos filosóficos de Galileu, Bacon e Descartes foram a base para o desenvolvimento da ciência e da técnica a partir de uma metodologia que unisse teoria e prática com vistas a promover a felicidade. Eis o projeto da modernidade: razão autônoma e obtenção da felicidade.

Ainda assim, esse projeto tomou duas direções. A primeira, consiste na tentativa de harmonizar essas duas experiências, uma sendo consequência da outra. Isso significa que o conhecimento (teoria) estabelece os meios (técnica) para o aprimoramento da vida, os filósofos da Escola de Frankfurt⁴, Adorno e Horkheimer (1986), denominaram esse processo de racionalidade instrumental. A segunda, um conflito, pois o estabelecimento das finalidades às quais esses meios servem assumem valores morais, conceito que o pensamento filosófico ocidental chamou de razão prática (Silva, 1997).

Os modernos, então, traduziram racionalmente a fusão aristotélica: da razão teórica que conhece, e por intermédio desse conhecimento cria os meios, e a razão prática (*phronesis* aristotélica) que deve discernir os fins. A união desses âmbitos era para Descartes, a sabedoria. Nesse sentido, os diversos objetos precisavam se adequar a esse método intelectual uniforme que incide sobre os objetos, porque a correspondência entre objeto e método dá-se pela abstração da diversidade à unidade – por intermédio do conhecimento matemático. A preocupação de Descartes, sem dúvida muito importante, era encontrar um fundamento irrefutável o qual será a morada de todo o conhecimento, pois:

[...] a consistência e a completude do sistema que assim se edificará depende da solidez e da unidade do seu princípio. [...] Pode-se continuar falando numa diversidade de objetos (a alma, Deus, os corpos), mas o conhecimento evidente supõe a redução desta diversidade de conteúdos a uma uniformidade intelectual. De alguma maneira é preciso abstrair da diversidade a unidade, para que haja correspondência entre método e objeto. É a própria unidade do paradigma que exige esta redução, já que a certeza matemática, isto é, eminentemente intelectual e que incide sobre entes abstratos, é o protótipo de evidência. É este o significado da matematização do mundo, ou do caráter matematizante do conhecimento enquanto tal (Silva, 1997, p. 12-16).

De acordo com Adorno e Horkheimer (1986), a antítese na história da razão é essa proposta de racionalidade, não refletir sobre os seus elementos regressivos. O domínio científico da natureza, concebido como razão calculadora, para tais filósofos, era estabelecido ao passo que a autonomia da racionalidade dava lugar à manipulação da natureza, fazendo com que todos os seres se tornassem

⁴ Movimento filosófico que propõe uma Teoria Crítica sobre as condições sociais, econômicas e políticas que envolvem o pensamento e a prática, a fim de transformação da realidade (Rüdiger, 1999).

meras ‘coisas’ a serem medidas por seu valor de utilidade em favor do capitalismo: processo denominado de coisificação. Logo, o sujeito que domina, acaba sendo dominado pelos próprios meios de dominação, de forma que essa instrumentalização irrestrita e cega, confiando plenamente no progresso ilimitado, enfraquece a visão crítica do regresso que surge a partir dele (Adorno; Horkheimer, 1986; Silva, 1997).

Nessa perspectiva, é fundamental pensar nos efeitos de um progresso a todo custo, dado que todos os seres vivos do planeta são uma comunidade, uma família. Assim ensina a concepção ética africana ubuntu, com uma filosofia do ‘Nós’, afirma um modo de existência que implica: ser por meio dos outros como cuidado e partilha, sejam humanos ou não, vivos ou mortos (Louw, 2010). Assim, esse ethos (caráter ou modo de ser) ubuntu, significa que uma pessoa vem a ser propriamente no mundo, não só por outras pessoas, mas por outros seres vivos, e também mortos, pois a memória, bem como a tradição oral, é a fonte de sabedoria, o conhecimento total, fundadora da alma africana (Hampaté Bâ, 1982). Então, a felicidade humana é experienciada plenamente quando há a partilha solidária e o cuidado do outro: pessoas, animais, plantas e o espírito dos que morreram.

De um lado, tem-se o projeto hegemônico ocidental colonial, a qual os filósofos modernos europeus podiam até não contribuir diretamente com suas obras, mas seus sistemas de pensamento estavam subjugados a essa política impensada (Sodré, 2020). De outro, a decolonialidade, um movimento não somente acadêmico e político – protagonizado por intelectuais da América Latina – mas também uma prática de intervenção e oposição ao imperialismo. A interpretação decolonial da realidade ergue uma crítica ao padrão conceitual e existencial colonialista determinante na universalização do pensamento intelectual, dos costumes religiosos, culturais, e da própria existência dos povos; estes, sujeitos coloniais das fronteiras, tratados como inferiores e subordinados aos colonizadores (Costa, Grosfoguel, 2016). À vista disso, o pensamento decolonial rompe com os pensamentos, conceitos e perspectivas colonialistas europeias “[...] gravados nas mentes e corpos por gerações”, e se compromete em reconhecer e trazer à tona “[...] o pensamento dos povos originários (índios) e de diáspora forçada (negros) (Costa Neto, 2016, p. 51).

O processo civilizatório ocidental funda uma alienação totalizadora dos homens com relação aos objetos dominados, na relação com outras pessoas e consigo mesmo, porque há um esvaziamento total da reflexão e da crítica na sociedade da dominação e da produtividade, já que o “industrialismo coisifica as almas” (Adorno; Horkheimer, 1986, p. 40). A racionalidade instrumental é, sobretudo, a maneira como as pessoas se relacionam na sociedade capitalista. Sendo assim, não somente a natureza

é manipulada por toda uma lógica de adaptação aos interesses humanos, tomada como um encadeamento de fatores calculáveis, mas os próprios seres humanos se tornam um produto, uma máquina que tem seu valor baseado na utilidade (Rocha, 2018). Isto posto, compreende-se porque a razão instrumental e a prática são indissociáveis, e precisam de uma revisão crítica, pois os mesmos instrumentos utilizados para a dominação totalitária e servidão, podem ser usados a favor da liberdade e emancipação (Silva, 1997).

Essa conceituação filosófica ajuda a pensar a relação de aproximação e distanciamento que o ser humano estabelece com os outros seres vivos. A coisificação dos seres, fruto da instrumentalização moderna, encontra-se, por exemplo, na captura dos papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*), que pelos caçadores de animais silvestres são lançados numa gaiola para serem transportados nas piores condições possíveis, posteriormente dopados, e depois colocados em tubos de policloreto de vinilo (PVC), já que escondidos em malas podem passar pela vistoria dos aeroportos. Note que o caçador não distingue um papagaio do outro, ou um papagaio de uma arara, para ele são coisas e objetos constituintes de uma unidade a ser manipulada e mantida sob controle: “[...] é o que acontece, por exemplo, ao cientista no laboratório, para quem todos os ratos são iguais, pois portadores das mesmas propriedades físico-químicas” (Rocha, 2018, p. 151). O exemplo dos papagaios ou ratinhos demonstra uma lógica colonizadora, pois o conhecimento e a tecnologia atendem a dominação e a exploração de uma espécie por outra.

Esta atividade ilegal é a terceira mais lucrativa do mundo, movimentando 20 milhões de dólares por ano, sendo o Brasil gerador de 10% no mercado internacional (Pereira, 2002). No caso da Terra Brasilis, de acordo com dados da Renctas, 38 milhões de espécimes são caçadas ilegalmente (Pereira, 2002). A ineficiência na regularização e controle, a grande biodiversidade e as condições econômicas desfavoráveis contribuem no agravamento do contrabando de animais silvestres em solo brasileiro (Rocha, 1995).

Em se tratando das aves, especificamente araras e papagaios, são abundantemente encontrados no bioma amazônico. Das espécies originárias dos biomas brasileiros mais procurados no mercado internacional, conforme Relatório da Renctas (2001), com os preços equiparados ao valor do dólar em 2023, estão: *Anodorhynchus leari*/arara-azul-de-lear (Bonaparte, 1856) - US\$ 60,000/R\$ 312.078,00; *Anodorhynchus hyacinthinus*/arara-azul (Latham, 1790) - US\$ 25,000/R\$ 130.032,50 e *Ara ararauna*/arara-canindé (Linnaeus, 1758) - US\$ 4,000/R\$ 20.805,20. Vale salientar que os estados de Roraima e do Amazonas não responderam aos questionários enviados aos Batalhões de Polícia Florestal (BPF) pela

Renctas, aproximadamente nos anos 2000/2001, por não disporem dessas unidades em suas regiões, nem de informações suficientes.

No entanto, esta realidade ainda é tomada como um fato distante da população. Quase que invisível à maioria das pessoas. Apesar das discussões levantadas em artigos científicos, bem como redações e reportagens nos meios de comunicação e mídias digitais sobre a conscientização da preservação da fauna e flora brasileira, há uma dormência em relação ao tema. Esse fenômeno coloca cada pessoa diante do destino e da construção histórica do modo de ser ‘humano’ pautado na utilização de recursos tecnológicos a favor da dominação da natureza. A própria natureza ao reagir a essas investidas, pede que seus filhos (humanos e não humanos) também o façam.

2.1. Avifauna de Roraima: mantenedor de animais silvestres “Parque Ecológico Bosque dos Papagaios”

O Estado de Roraima, localizado no extremo norte do país, precisamente na área da Amazônia, abriga uma região heterogênea no que diz respeito à fauna, flora e ecossistemas. Os habitats são distintos, incluem floresta de terra firme, floresta sazonalmente inundada (*várzea e igapó*), floresta de areia branca (*campina e campinarana*), savana, galeria, floresta seca e vários tipos de florestas montana na formação do bioma amazônico local. O compilado realizado por *Naka et al., (2013)*, sinaliza a existência de 741 (setecentos e quarenta e uma) espécies que compõem a avifauna do bioma amazônico roraimense. Dentre os variados tipos de aves, 29 (vinte e nove) são da família Psittacidae (psitacídeos), sendo quatro destas: *Ara ararauna*/Arara-canindé (Linnaeus, 1758), *Ara macao*/Araracanga (Linnaeus, 1758), *Ara chloropterus*/Arara-vermelha (Gray, 1859) e *Ara severus*/Maracanã-guaçu (Linnaeus, 1758) – bastante visadas pelo tráfico.

Com o propósito de obter informações detalhadas sobre a rotina e o modo de vida das araras em terra macuxi, os autores deste trabalho realizaram uma expedição de campo ao Parque Ecológico Bosque dos Papagaios, localizado na Zona Oeste de Boa Vista, capital do Estado. O parque foi fundado em 2009, pela prefeitura de Boa Vista, por meio de Decreto nº 113/E, 1º de junho de 2009, com a finalidade de acolher animais silvestres, sejam aves ou mamíferos, retirados da natureza por algum motivo. Muitas são as razões pelas quais os animais chegam ao abrigo, entretanto, as mais frequentes apreensões se dão por tráfico, denúncias e entrega voluntária. O viveiro do Bosque dispõe de uma área institucional de 12 hectares, constituída de vegetação nativa com árvores de médio e grande porte. Todos os animais que chegam ao local precisam obrigatoriamente passar pela perícia do

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que tem a função de cadastrar, estudar e colocar os animais em quarentena, para que sejam posteriormente encaminhados ao Bosque (Miranda, 2021).

A expedição foi realizada em março de 2023, na referida data estavam abrigadas no mantenedor as seguintes espécies: *Ara ararauna*/Arara-canindé (Linnaeus, 1758), *Ara chloropterus*/Arara-vermelha (Gray, 1859), *Ara macao*/Araracanga (Linnaeus, 1758), *Amazona amazonica*/Papagaio-do-mangue (Linnaeus, 1766), *Amazona farinosa*/Papagaio-moleiro (Boddaert, 1783), *Amazona ochrocephala*/Papagaio-campeiro (Gmelin, 1788), *Amazona festiva*/Papagaio-da-várzea (Linnaeus, 1758), *Ara severus*/Maracanã-guaçu (Linnaeus, 1758), *Diopsittaca nobilis*/Maracanã-pequena (Linnaeus, 1758), *Orthopsittaca manilatus*/Maracanã-do-buriti (Boddaert, 1783), *Pionus menstruus*/Maitaca-de-cabeça-azul (Linnaeus, 1766), *Ortalis motmot*/Aracuã-pequeno (Linnaeus, 1766), *Crax alector*/Mutum-poranga (Linnaeus, 1766), *Pionites melanocephalus*/Marianinha-de-cabeça-preta (Linnaeus, 1758), *Ramphastos toco*/Tucano-toco ou tucanuçu (Statius Muller, 1776) e *Ramphastos tucanus*/Tucano-de-papo-branco (Linnaeus, 1758).

Na ocasião, o médico veterinário do Bosque concedeu uma entrevista aos pesquisadores, na qual revelou o trabalho minucioso que é realizado antes dos animais chegarem ao local. Além de evidenciar a importância da iniciativa, pois proporciona bem-estar aos animais, uma vez que apartados da natureza, a chance de reabilitação e sobrevivência ao serem devolvidos ao habitat natural é mínima; também promove a educação ambiental aos seus visitantes estrangeiros e toda a população de Boa Vista. Na entrevista, explicou o veterinário:

— *Essas espécies que nós temos aqui no mantenedor de animais, o próprio nome diz, a gente mantém uma fauna aqui. Essa fauna é proveniente de animais que são traficados, animais que são apreendidos, que são entregues voluntariamente também. Pessoas que estão se adaptando ainda a legislação, aí entrega o animal e ele acaba parando aqui. Ele não é entregue diretamente aqui, existe um fluxo e um protocolo a ser seguido dos animais da fauna silvestre.*

Os animais, no geral, aves ou mamíferos, seja qualquer espécie que for, quando são apreendidos ou são recolhidos, ou são resgatados; enfim, independente da origem, eles vão para um setor do governo federal chamado Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), ligado ao Ibama. Esse centro de triagem o nome já sugere, é um centro que vai receber esses animais, fazer uma triagem tanto veterinária, quanto enfim, da origem deles e tudo mais, do ponto de vista legal e fiscalização. E depois eles ficam em quarentena, no caso de apresentar sintomas, saber se estão doentes ou não, ou se precisam de primeiros socorros. Depois, eles são encaminhados para mantenedores que justamente funcionam como apoio a essa política de conservação de fauna, de preservação, para que eles possam ter uma sobrevivida.

Então, a maioria desses animais já não alça voo, já chegam aqui mutilados ou machucados. Eles já são próprios de cativeiro, domesticados, não tem mais convívio da vida livre. Eles vêm para um ambiente desse artificial que a gente tenta simular ao máximo e ambientar ele o melhor possível para que eles tenham uma sobrevivência. A gente procura exatamente o bem-estar animal através disso aqui. Então, nesse recinto aqui, esse recinto é prioritário para as aves. Porque são os animais mais traficados, quem mais sofre, né? Os mais procurados, mais traficados.

Outras espécies também existem aqui, que são três mamíferos, a capivara⁵, cutid⁶ e a paca⁷. Foi uma experiência que nós fizemos. Deu certo por conta da capivara já vir também de muito convívio com o ser humano. Ela se adaptou, a gente aproveitou e deixou ela aqui.

O pessoal tá fazendo este curral aqui porque vai chegar uma anta⁸ e um veado-galheiro⁹. Eles também estão no Cetas. Então, vai acabar vindo pra cá. Isso é uma política nacional, todo estado tem que ter um mantenedor ou mais. Aqui no estado de Roraima nós só temos em Boa Vista dois mantenedores: este da prefeitura e o Mantenedouro de Fauna Silvestre do 7º Batalhão de Infantaria de Selva (7º BIS). Então, o Ibama faz esses encaminhamentos. Às vezes alguns animais conseguem se desenvolver e conseguir uma capacidade de retorno para a natureza. Isso passa por uma avaliação também do Ibama que acompanha. A gente abriga eles aqui e depois a gente faz a soltura. Já tivemos a experiência de alguns animais aqui que conseguiram se recuperar de alguma forma.

Aqui no bosque, também de vida livre, nós mantemos alguns quelônios que são os tracajás¹⁰ e os jabutis¹¹. Eles estão soltos por aí, e outros que fazem parte também desse local de preservação urbana tanto de fauna como flora. Então, aqui a gente tem porco espinho, tem cobra, tem tudo isso aqui, por isso que a gente pede para não sair das trilhas.

Fazer as trilhas internas que a gente fez, não pode fazer piquenique para não deixar restos de alimentos. É todo um processo de educação ambiental. Por isso que a gente traz as crianças pra cá, para elas saberem de tudo isso, entendeu?

A gente também não trabalha com espécies exóticas, a gente só trabalha com espécies da fauna amazônica. Todas essas espécies que a gente tem aqui, a arara-vermelha, a canindé, os papagaios campeiros e do mangue; Todos eles são nativos daqui e de outras regiões amazônicas também, inclusive de outros países, mas sempre dessa área. Então, variando de espécie para espécie, ela pode expandir além das fronteiras de Roraima. Pode ir pro Amazonas também e fazer parte desse bioma amazônico, inclusive, de outros países também.

⁵ *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766).

⁶ *Dasyprocta aguti* (Linnaeus, 1766).

⁷ *Cuniculus paca* (Linnaeus, 1766).

⁸ *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758).

⁹ *Odocoileus virginianus* (Zimmermann, 1780).

¹⁰ *Podocnemis unifilis* (Troschel, 1848).

¹¹ *Chelonoidis carbonaria* (Spix, 1824).

Assim, aqui, são as aves de maior porte, papagaios, araras, alguns tucanos convivem também, e naquele recinto menor, estão as ararinhas e os pássaros de menor porte. A maioria são espécies de psitacídeos, né? Que são aqueles que tem o bico curvo, característicos do papagaio e da arara. E aqui no Bosque, a gente tem as placas identificando. Cada um tem suas características, suas penugens. Aqui tem o campeiro, eu tenho a maracanã-guaçu, tem a maracanã-do-buriti também que é essa daqui. Aquele é um aracuã, é um psitacídeo diferente, um papagaio diferente.

A gente não sabe ao certo a idade, nem o sexo, porque os animais já chegam aqui na fase adulta, muitos chegam mutilados, eles se debatem muito e acabam ficando numa área mais restrita no início para que não se machuquem tanto. A prefeitura mantém esses animais com uma alimentação bem variada, equilibrada, tanto de sementes, quanto de frutas, e ração também com alto teor de proteína indicada propriamente para as espécies desses animais.

Nós tínhamos aqui o mutum, mas ele foi embora, ele ficou muito agressivo. Esta Aracuã tem uma história bonita. Ela viveu aqui alguns anos, mas apareceu uma outra Aracuã silvestre, que ficava aqui cantando na árvore para ela. A gente conversou com o responsável do Cetas e do Ibama, e a gente fez um teste para soltar. Aí elas vivem aqui no bosque e já deram cria. É o retorno que a gente tem, é disso.

O Cetas faz um trabalho muito grande de parceria com a iniciativa privada: sítios, hotéis fazenda, áreas de turismo ecológico, a Estação Tepequém¹² e assim por diante, que são pontos-chave para soltura. Então, os animais que se recuperam e que tem condições de voltar, eles já identificaram pontos dentro do estado para que possam fazer essa soltura.

Então, assim, a gente incentiva o retorno à vida livre, né? E esse trabalho do Ibama é muito importante. Quando a gente percebe, ou ele passa por uma avaliação de que existe uma possibilidade, ainda que não seja cem por cento, dele retornar a um ambiente, por exemplo, que não é totalmente silvestre, vamos dizer assim. Porque uma estação ecológica tem a interferência do homem, tem outra coisa, mas ali pelo menos ele pode ter outras espécies parecidas. E assim ele terá a chance de ir aos poucos retornando à vida livre. À exemplo da aracuã, que de vez em quando aparece aí cantando com o filhote. E esse ambiente aqui oferece também alimentação livre. E este é o prêmio, né? O prêmio é quando a gente vê isso.

Aqui é Bosque dos Papagaios, não porque tem papagaio aqui. É porque os papagaios vêm pra cá comer a azeitoneira, eles fazem pouso aqui. Aqui é a rota. Eles vêm, param nas casas aí, onde tem açai e tal, e param aqui. Daqui voltam para fazer a jornada de dormir. O bosque veio antes do mantenedor. Mantenedor foi uma ideia de uns três, quatro anos depois que o bosque estava pronto e recebeu o nome. Uma coisa interessante também pra vocês que não tem a ver com os animais, é que essa área aqui era um lixão. Não era nem um aterro sanitário. Esse bairro não existia. Estava sendo loteado. E com as primeiras casas e as primeiras coisas que foram feitas, todo mundo concentrava nessa

¹² Estância Ecológica Sesc Tepequém, localizada no município de Amajari, região norte de Roraima.

área todo o lixo. Então quando você anda, você vê uma garrafa, às vezes a pessoa que não sabe, ela diz: “Nossa, mas aqui está sem preservar”. Mas não, isso aí ainda é resquício das toneladas de sujeira que saíram daqui para dar lugar ao Bosque. Então assim, um projeto muito louco, entendeu? Saíram daqui mais ou menos cento e cinquenta caçambas gigantes de coisa. (Veterinário, 2023).

Ademais, o veterinário salientou que os mantenedores não são semelhantes aos zoológicos. O zoológico também cuida da sobrevivência dos animais silvestres que ali chegam por diversos motivos, mas diferentemente do mantenedor, dispõe de espécies não nativas e compreende uma área de visitação. Já o mantenedor é voltado para a educação ambiental. De acordo com o veterinário, o Bosque dos Papagaios, que é um mantenedor próximo a zona urbana, está pleiteando a inscrição de mini zoológico para que o espaço possa estar dentro da legislação de visitação pública. O trabalho de educação ambiental já é realizado em escolas e toda a sociedade civil, objetivando explicar o que é o Bosque dos Papagaios. O ideal, destaca ele, seria que não fosse necessário a existência desses espaços, porém essas iniciativas e órgãos são fundamentais no combate ao tráfico de animais silvestres, e Roraima, que detém 57% das aves da Amazônia, é uma das fortes rotas do tráfico (Figura 1):

Figura 1: Tucano-de-papo-branco e arara-vermelha no Bosque dos Papagaios



Fonte: Passos, 2023.

3. ARARAS-CANINDÉ NO RIO DIAS

No sul de Roraima, predominam as savanas e florestas tropicais densas, ambientes em que é possível encontrar pares de arara-canindé e arara-vermelha com facilidade. Na expedição feita no Rio Dias, situado na Vicinal -01, em Caracará (RR), foram feitos registros das araras-canindé em seus habitats naturais. As aves começam a se movimentar no início da manhã às 5h, e no final da tarde às 17h (Figura 2):

Figura 2: Araras-canindé na alvorada do Rio Dias



Fonte: Oliveira, 2023.

Em momentos de imersão no Rio Dias, região sul de Roraima, achou-se uma narrativa que revela e dá a conhecer o destino do encontro entre humanos e animais silvestres, que reflete modos de se relacionar com a natureza e existir no mundo. O acontecimento se passou com uma arara-canindé.

Antes de pensar nas questões que envolvem a sina sucedida, faz-se necessário salientar algumas causas possíveis de interferência direta no bem-estar e equilíbrio dessa fauna, em específico das araras, tratando-se de localidades que aos poucos vão sendo colonizadas pela presença humana. A começar pela retirada dos filhotes de arara dos ninhos, seja pelo vislumbre no que diz respeito à beleza da ave, fazendo com que os indivíduos sintam vontade de levá-las para suas residências a fim de criá-las como animais de estimação. Ou pelo incômodo de parte dos moradores com a dinâmica do animal e o habitat

propriamente dito, visto que o pássaro possui um modo próprio de se relacionar com o ambiente que não é semelhante ao de um gato, por exemplo.

Difícilmente passam despercebidos o seu belo e melódico canto, além do seu bico deixar rastros da sua força evidente. As araras costumeiramente são interpretadas como um bicho de comportamento afrontoso e destrutivo. Crenças as quais enraizadas na mentalidade irrefletida das pessoas sustentam o conhecido ditado popular: “*Fulano está uma arara!*”, atribuindo à espécie características e concepções fruto de uma compreensão apressada, bem como problemática, que atesta uma forma “insana” de ser.

Diante dessa contextualização, a arara de que se fala, estabeleceu vínculos afetivos com uma família desde 2018, uma relação de 15 anos, respeitosa e solidária, pois a ave não é mantida presa em cativeiro ou algo do tipo. Ela é livre para se deslocar a qualquer momento, mas sempre retorna a essa casa por ter encontrado um valor nesse lar. A seguir, a família narra o encontro com a arara Lara:

3.1. A chegada da arara no lar da família

— Já ganbei, ganbei ela já grande já. Ela já tava empenada¹³. Então, eu vi que ela já tava meio machucada. Que o dono que me deu, né, malinou¹⁴ um pouco dela. E eu comecei a tratar ela bem, alimentando, dando água, conversando com ela, porque eu só e ela também. Aí comecei a conversar com ela, ela foi entendendo, né. Desde aí, a gente pegou um carinho por ela. Ela já veio com esse nome, né: ‘Lara’. E aí, o meu marido ainda não queria porque disse que elas são muito...elas destroem as coisas, mas graças a deus aqui em casa ela nunca deu assim de destruir nada. A senhora criava ela, criava mais duas papagaio. E aí, acho que ela disse, que quando ela ia pra roça, chegava e tava tudo ruído, era roupa ruída, era carne que botava pra secar no sol, ruído, tudo ruído, tudo destruído. Aí pra não matarem ela, ele foi me deu. Aí fui e fiquei com ela. Como eu era só, só tinha uma cachorrinha. Aí ele disse (o marido): “Não, destrói as coisas”. Aí disse, se ela malinar a senhora me devolve que eu dou pra outra pessoa. Aí eu ganbei da mãe desse aluno, e até hoje a gente trata ela bem e tudo. Depois que meu filho nasceu, ela tem ciúmes da gente. Ela tem muito ciúme da gente. No começo ela tinha ciúme do meu filho, até hoje ela tem ciúme do meu filho. Ela bota pra cima do meu filho. Assim, quando ele começou a engatinhar, né, ela quis beliscar ele. Então, ela tem ciúmes da gente. Mas aí depois, quando o meu filho nasceu, ela pegou mais carinho por ele, pelo meu esposo. É tanto que eu não pego mais ela no dedo, eu pegava ela no dedo, assim, pegava: “Dá o pé, Lara!”, ela dava o pé. A gente conversa com ela, ela entende as coisas.

¹³ O relato foi escrito respeitando o modo de falar e as palavras da entrevistada. Assim, o tom coloquial não só preserva a diversidade das marcas de oralidade da região, mas a espontaneidade e riqueza da narrativa compartilhada.

¹⁴ Fazer maldades.

Aí até hoje, tudo o que a gente tá comendo ela quer comer, a gente bate os prato, ela já tá aqui pedindo. Ela chama o meu nome, ela chama o nome do meu filho. Tudo isso aí ela entende. Então, porque a gente trata ela com carinho, né. Acho que lá não era bem tratada. Aí faz um tempo que ela me deu, ela me deu essa arara em 2008, quando foi em 2020/2021, ela veio aqui, a ex-dona dela. Veio aqui, ela já foi perguntando por ela, digo: “Ela tá aí”. Aí ela chamou, ela ainda conheceu a ex-dona dela, deu a mão pra ela, ela foi no braço dela, dando carinho pra ela, mas quem não gostava dela acho que era o esposo dela, né. Aí ela foi conversando com ela: “Lara, você é bem tratada? Lara e não sei o quê”. Aí a bolinha do olho dela vai mudando, assim... uma coisa muito, vai mudando assim o formato da bolinha, tipo assim ela entendendo que a gente tá conversando com ela. Então, a gente trata ela muito bem graças a Deus. Já apareceu gente pra comprar ela, e a gente não vende (Yara, 2023).

3.2. A árvore e a recuperação física e psicológica de Lara

— *Tinha uma árvore bem aqui. Pois é. Essa árvore aí, é fruto dessa outra. E pra botar esse ponto comercial aí, teve que derrubar ela, essa árvore. Só que na época que eu ganhei ela, não tinha energia aqui. Então, ela dormia nessa árvore. Aí com o tempo, foi quando entrou a energia, pela claridade, ela num achou mais certo ela dormir lá. Ela vinha dormir aqui pra trás, ela dorme embaixo da cumieira, né, da telha. Ela dorme aqui embaixo. Acho que por causa da claridade, até hoje ela dorme pra cá pra trás. Uma vez, eu acho que foi o corujão quis pegar ela, aí acordei de manhã, ela estava dentro de casa. Ela passou um tempo dormindo dentro de casa, quando era de manhã ela saía. Aí pronto. Aí acho que foi o corujão que quis pegar ela nessa noite. O que ela tem só é essa asa mesmo quebrada. Ela voa, os irmãos dela pausa aí na árvore, chama ela, faz aquela gritaiada toda, mas ela não vai não, de jeito nenhum. Acho que se ela tivesse a asa boa, né, eu creio que ela já tinha acompanhado eles. Eu acho que foi do rapaz que bateu nela. O ex-dono, o esposo da mulher que me deu. Bateu nela demais. Ela chegou aqui triste, triste, triste mesmo assim, espantada, né? Se não desse fim nela, ele disse que ia matar, né? Ia botar na panela. Ela é boazinha, dando a comida pra ela, dizendo: “Pega, Lara! Vem comer!” Aí botei a vasilhinha, ela descia, meu esposo botou uma tábua, o comedor e o bebedor. Aí ela comia e subia lá pra cima de novo, da árvore. Aí ela não falava. Ela demorou, ela passou uns tempos, ela demorou. Eu só tinha uma cachorra, uma pintcherzinha, uma cachorra daquelas salsichinha. Aí conversava com a minha cachorra, aí ela ficava, né, observando. Aí quando foi um dia, aí comecei a cantar. Logo minha mãe dizia: “Minha filha, conversa com ela que ela amansa, elas entende”. Aí eu comecei a conversar com ela: “Lara, Lara dá o pé”. Aí comecei a cantar aquela música da Xuxa: “Ilari, ilari, ilariê (Uh, Uh)”. Sabe, quando foi um dia começou a chover, aí eu me espantei, ela cantando: “Lara, Lara, Uh”. Aí eu disse: “Onde é que esse papagaio aprendeu a cantar?” E ela: “Lara, Lara, Uh”. E ela canta assim: “Lara, Laea, Uh”. Aí ela começou a querer malinar, aí eu disse: “Lara, sai daí, Lara. Não pode mexer aí, Lara”. Aí ela me imita direitinho: “Sai daí, Lara! Lara!” Em tudo que eu falava pra ela. Nesse dia*

que estava chovendo, eu digo: “Né que a sem vergonha aprendeu falar? Aí pronto. Aí ela sabe o nome do meu marido. Aí o meu marido, às vezes chamo o nome dele, às vezes chamo amor, não sei o quê. Ela chama ele também de amor, pra vocês verem, eles são uns bichos inteligentes. Ela voava, ela ia pra mata, voltava. Mas aqui em casa ela voa aqui pra vizinha, ela voa aqui pro Buritizal, mas ela não voa aquele voo alto. É baixinho o voo dela. Aí o meu marido disse: “Ah, minha velha, é porque a pessoa quer criar o bicho, e não alimenta, não dá água, entender? Não cuida”. Então, eu comecei a tratar ela com carinho (Yara, 2023).

3.3. A naturalização da retirada dos filhotes dos ninhos

— Esses dias o menino foi tirar ali da merminha, acho que daqui lá uns cem metro. Ele derrubou, aí os bichinhos, o pau caiu por cima, não teve como. Esse dia mesmo o menino estava querendo dar pra nós o filhote de papagaio. Ele tava serrando e tal. Aí disse que derrubou lá o pau, a mãe conseguiu voar, e eram três filhotes. Aí só ficou ele, ele ainda tava empenujando¹⁵, o bichinho, faz dó. Ela não, ela ganbei grande. Eu sei que fazia dias que ele arrudiava ali, foi até um pé de buriti velho. Todo dia de manhã eu ia caminhar e tal. Aí estavam tudo lá, né? Ao redor lá bem uns quatro. Aí quando foi um dia o menino disse: “Poxa, o Fulano foi mexer lá e derrubou o ninho, os bichinhos morreram” (Yara, 2023).

3.4. A interação de Lara com outras araras e animais

— Elas interagem. Ela grita, aí elas respondem. Ela só responde. Eles ficam aqui no pé de açaí, aqui nesse pé de árvore, grita, pousa em cima do telhado. Aí ela só faz responder aquela gritalhada delas todinha. Mas ela não vai. Eu digo: “Vai Lara, com tuas irmã”. Ela só fica ali no galinheiro. Se eu jogar milho pras galinha, é ela que tem que comer primeiro. Depois que as galinha come. Se uma galinha chegar perto dela, ela já vai pra cima das galinhas. Tem aquelas galinha que estão com pintinho, com ciúme dos pinto, já botou pra cima dela. Já deu aversão, que teve uma aí que meteu a pisa nela, pensei que a galinha ia matar ela. E ela num arrega não, ela vai pra cima também. Às vezes as galinhas tão lá querendo botar ovo, ela vai pra lá, ela fica dentro do ninho pra dizer que ela também vai botar ovo. Eu: “Sai daí, Lara, que tu não é a galinha Lara. Eu vou pedir pro galo te pegar”. Ela fica... Aí ela sai toda, aí ela volta pra lá de novo. Com cachorro e gato ela não interage não. Esses dias o menino andava com uma lá de dentro mesmo. Andava com uma da merma cor dela. Aí trouxe, ela não se interagiu com a outra não. Não se interagiu de jeito nenhum. Botou elas junto, nós botamos comida. A Lara comeu, já a outra ficou escabriada¹⁶. Aí depois que a Lara saiu, ela foi lá. Aí o menino foi e levou de volta (Yara, 2023).

¹⁵ Em fase de criar penugem.

¹⁶ Desconfiada.

3.5. Interação com outras pessoas da comunidade

— Ela vai aqui pra vizinha quando eu brigo com ela: que ela tá mexendo, ela tem ciúme dos pintinhos. Ela pega um pintinho ali, só numa bicada ela mata. Ela já matou uma ninhada de pinto. Ela tem ciúmes, né? Aí eu brigo com ela, ela vai lá pra vizinha aí do lado. Ela voa, aí fica lá. Daí quando dá uns 10 minutinhos ela volta. Eu digo: “Tu não ficou lá não, Lara?” E tanto que ela chamava, por causa do meu filho, chamava ela de vó. A vizinha disse: “Até a Lara, já basta o teu filho. Agora a Lara me chama de vó”. Eu disse: “Mas por quê?” Ela disse: “Acho que é por causa do seu filho”. Aí ela chega lá: “Vó?” Aí ela diz: “A outra já brigou com minha fia, né?” Que ela também conversa com ela. Aí ela fica por ali. Ela volta de novo. Ela ficou triste quando meu esposo pegou a Covid-19. Ela ficou triste, ela não falava. Ela e o cachorro do meu marido, um pintadinho. Meu marido passou uns 20 dias no hospital, ela não falava nada, ela ficava, né, caçando: “Amor!”; porque eu ficava também pra lá com ele, né. Sentiu a falta dele. Quando meu marido vai pra rua, meu marido sai de manhã cedo para fazer a rota. Às vezes quando ele vai pra Boa Vista, parece que ela em cima da árvore, avista ele de longe, ela grita. Ele tá chegando, ela dá aquele grito dela. Aí, meu filho diz: “Mamãe, papai tá chegando”. Enquanto meu marido não fala com ela, ela não sai de perto dele: “Amor! amor!” Aí fica. Eu digo: “Fala logo com essa papagaia se não ela não para de perturbar. Aí enquanto ele não fala com ela, ela não sossega. Aí ele fala com ela, ele bota um pouquinho de milho pra entreter ela. Ela tem mais carinho pelo meu marido. Eu converso com ela. Eu brigo com ela quando ela tá fazendo as coisas erradas, né? Mas é engraçada, ela, não é? (Yara, 2023). (Figura 3):

Figura 3: A arara Lara



Fonte: Passos, 2023

4. A BANALIZAÇÃO DA VIDA DOS ANIMAIS SILVESTRES EM FUNÇÃO DA FUTILIDADE HUMANA

O destino da arara Lara retoma a experiência do conflito e da harmonia tão presentes no encontro entre as espécies. A primeira família, motivada pelo capricho de ter uma bela arara em seu convívio, frustrou-se ao tentar adaptá-la ao modo de vida humano: em primeiro lugar, um crime ambiental; em segundo, uma ilusão. Por outro lado, a segunda família não impôs nada, e a arara se sentiu acolhida, cuidada, mesmo podendo fugir, não o fez. Porque, nesse sentido, compreender o mundo, a vida, não seria possível sem o cuidado, pois é ele quem orienta e revela o saber. Saber é estar aberto para experienciar o ritmo da própria natureza. A segunda família aprendeu a se relacionar com o mundo de uma forma mais equilibrada.

Isso significa que o entendimento do bioma amazônico e animais silvestres, exige uma participação: a família conheceu a arara a partir da experiência mais original da ave. Não tentou domesticá-la, sempre incentivou sua recuperação. Contudo, as sequelas das atividades de origem antrópica não permitiram o seu retorno à floresta. Para além disso, o vínculo de solidariedade entre terra e povo, há milênios, é respeitado e partilhado pelos povos originários indígenas, em que todos os níveis da existência se dão inteiramente pelo pertencimento à natureza. Por isso, faz-se necessário pensar o modo como o ser humano traça seus caminhos em sua existência cotidiana no mundo, pois quanto mais a humanidade tenta dissecar a natureza em conhecimento, mais dela se afasta em experiência e aprendizado.

Ailton Krenak, ambientalista e líder indígena do povo originário da região do Vale Rio Doce – Minas Gerais, chama a atenção para o fato de que se está criando uma humanidade separada da natureza, “[...] uma humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô” (Krenak, 2020, p. 15). Para ele, a chamada Era do Antropoceno, gera um afastamento entre homem e natureza que caminha para o desastre socioambiental. Trata-se de um ‘progresso’ que produz a morte. Todavia, a natureza põe em jogo a autonomia da biodiversidade, ela segue se refazendo. A Covid-19 é um fator que exemplifica: o vírus só atingiu os humanos. Uma arara traficada e um rio minerado são iguados nessa forma meramente instrumental de compreender e experienciar a natureza. Esta responde ao avanço da intervenção humana, com uma pandemia mundial, já que provocar deliberadamente sofrimento a um outro ser vivo, a um animal, vide as extinções, mostra que a humanidade causa mais dano que a doença. Assim, entende-se que a biodiversidade é autônoma com relação à humanidade (Krenak, 2020).

Todos os seres vivos deviam ter proteção, dignidade e a possibilidade de existência. Preservar é deixar vir a ser. O entendimento acerca da fauna silvestre, parte do reconhecimento de que os animais não humanos são seres sencientes, pois possuem consciência do que ocorre com eles. Assim como os seres humanos, as araras, as onças, não querem sentir dor, serem mortas, vendidas, desabrigadas. Por isso, do ponto de vista filosófico, essa relação envolve concepções éticas e morais. Ora, se os interesses destes e outros animais são semelhantes ao dos humanos porque só uma espécie tem poder de decisão, enquanto a outra é explorada? (Desirée, 2021).

A comunidade do Rio Dias gradualmente retorna à experiência do parentesco intrínseco existente entre todos os seres que estão na Terra, e resgata o *ubuntu* mesmo inconscientemente. Além disso, a ressignificação da coexistência entre população e animais silvestres realizada pela comunidade, faz com que ela seja um exemplo a ser seguido por outras com relação à educação ambiental. Também permite aos povos das fronteiras pensar a floresta amazônica a partir de seu próprio âmbito experimental e enunciativo, trazendo uma resposta epistêmica a banalização da vida impulsionada pelo projeto eurocêntrico da modernidade. É o que propõe a *decolonialidade* ao reassumir a conexão entre pensamento e lugar, uma vez que as fronteiras são o espaço onde se dá a reinvenção das diferenças, sendo também *loci* enunciativos que cria e elabora saberes a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos (Costa; Grosfoguel, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conservação da fauna e flora silvestre da Amazônia, implica num maior aprofundamento da população sobre a dinâmica e modo de vida dos animais que integram os ecossistemas. As expedições no Rio Dias e Boa Vista, no estado de Roraima, indicam que a educação ambiental é uma forte aliada no processo de formação informal e formal a respeito do cuidado com a biodiversidade, ao passo que é feita a disseminação de saberes sobre o referido tema. No entanto, a experiência de existir cotidianamente nesse âmbito, em que o movimento da natureza pulsa com mais vigor, em comparação ao contexto urbanizado, a convivência entre a população e os animais silvestres põe em jogo um encontro que pode ser ora violento, ora harmônico.

A compreensão mútua e a aproximação saudável entre as espécies, exige um cuidado com a natureza, incluindo, o respeito aos seus limites. É preciso ouvi-lá. Não só as araras, mas outros animais silvestres, sentiam-se confortáveis para transitar e fazer suas atividades com o silêncio da mata. De modo que, quando pescadores e caçadores estavam por perto. Todos os sinais de existência desses

bichos desapareciam quase como mágica. Não se ouvia bugios, nem se via pegadas. O que lembra o fragmento do grego Heráclito “Φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ (physis kriptesthai philei) – A natureza ama ocultar-se (Leff, 2020).

A natureza é a potência da vida, a mãe de todos os entes que estão no mundo, e originariamente, entendê-la, resguardar a sua sabedoria, envolve um não-saber, pois se escondendo ela brinca e ri da pretensão humana. Assim, o conhecimento não consegue abarcar a sua totalidade. Além disso, as narrativas que envolvem as araras, em específico, as canindé, no sul de Roraima, demonstram este abalo ocasionado pela dissonância do modo de vida dos moradores e das aves. Nesse sentido, a sensibilização da comunidade com relação a preservação da fauna e flora nativa, torna-se possível a partir de uma imersão e experiência de comunhão, partilha e responsabilidade com o ambiente e os seres ali presentes.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

COHN-HAFT, Mario. Desmatamento da Amazônia coloca em risco várias espécies de aves. **Ambiente É o Meio - Jornal da USP**, São Paulo, 20 set. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desmatamento-da-amazonia-coloca-em-risco-varias-especies-de-aves/>. Acesso em: 9 maio 2023.

COSTA NETO, Antônio Gomes. A denúncia de Cesáire ao pensamento decolonial. **Revista Eixo**, v. 5, n. 2, 2016.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077>. Acesso em: 7 maio 2023.

DESIRÉE, Taiara. Ética animal: é o veganismo uma evolução moral? In: BONNEAU, Cristiano. PEQUENO, Marconi. **Perspectivas Éticas**. Rubaiyat Edições, 1 ed. João Pessoa, 2021. p. 143-166.

DESMATAMENTO, na Amazônia triplica em março e faz trimestre fechar como o segundo pior desde 2008. **Imazon**, Belém, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-triplica-em-marco-e-faz-trimestre-fechar-como-o-2o-pior-desde-2008/>. Acesso em: 9 abr. 2023.

HABERMAS, Jürgen. **Modernidade**: um projeto inacabado. Portugal: Nova Vega: 2017.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KIZERBO, J. **História Geral da África Metodologia e pré-história**. São Paulo: Ática, Paris: Unesco, 1982.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEFF, Enrique. Heráclito: A Φύσις (Physis) e o Desocultamento da Vida. **DeMA – Desenvolvimento e Meio Ambiente** – UFPR, v. 54, p. 249-276, jul./dez. 2020.

LOUW, Dirk J. Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha. Ubuntu: eu sou porque somos - IHU online – **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v. 353, p. 5-7, 2010.

MIRANDA, Marcus. Site da Prefeitura de Boa Vista. **Bosque dos papagaios** - Um passeio imperdível para quem gosta de natureza e quer fugir um pouco do "calorzão" boa-vistense, 2021. Disponível em: <https://boavista.rr.gov.br/noticias/2021/10/bosque-dos-papagaios-um-passeio-imperdivel-para-quem-gosta-de-natureza-e-quer-fugir-um-pouco-do-calorzao-boa-vistense>. Acesso em: 8 abr. 2023.

NAKA, Luciano Nicolás *et al.* The avifauna of the Brazilian state of Roraima: bird distribution and biogeography in the Rio Branco basin. **Revista Brasileira de Ornitologia** - Brazilian Journal of Ornithology, [S.L], v. 14, n. 26, p. 42, sep. 2013. ISSN 2178-7875. Disponível em: <http://www.revbrasilornitol.com.br/BJO/article/view/2502>. Acesso em: 4 abr. 2023.

OLIVEIRA, Polyanni Dallara Dantas. Figura 2. 2023. 1 fotografia. 2048x1536 pixels. Disponível em: <https://flic.kr/p/2ozbwud>. Acesso em: 9 maio 2023.

PASSOS, Yunã Lurie Araújo. Figura 1. 2023. 1 fotografia. 1200x1600 pixels. Disponível em: <https://flic.kr/p/2ozbwuo>. Acesso em: 9 maio 2023.

PASSOS, Yunã Lurie Araújo. Figura 3. 2023. 1 fotografia. 3000x4000 pixels. Disponível em: <https://flic.kr/p/2ozcYiE>. Acesso em: 9 maio 2023.

PEREIRA, Pablo. Um crime que passa despercebido. **Revista Galileu**. v. 11 e. 127 p. 24-33, 2002.

POVO, Gazeta do. Animação "Rio" lidera bilheterias mundiais. [S. l], 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/animacao-rio-lidera-bilheteriasmundiais4079u7a48nx4wcqon5x5vqz2/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

REDFORD, Kent Hubbard. The empty forest. **Bioscience**, v. 42: p. 412-422, 1992.

RENTAS. 1º Relatório Nacional sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. **Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres**, 2001.

ROCHA, André Campos. Capitalismo e racionalidade instrumental: reflexões acerca do tempo livre em Theodor Adorno. **Ideias**, Campinas, SP, v. 9, n.1, p. 149-170, jan./jun. 2018.

ROCHA, Flávio Montiel. **Tráfico de Animais Silvestres**. Documento para discussão. Brasília, DF: WWF, 48p, 1995.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

SICK, Helmut. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, p. 912, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Conhecimento e Razão Instrumental. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 11-31, 1997. DOI: 10.1590/psicosp.v8i1.107575. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/107575>. Acesso em: 5 maio 2023.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

Data de submissão: 09/10/2023

Data de aprovação: 12/03/2024